



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANTONIO XAVIER DOS SANTOS

**A EPÊNTESE VOCÁLICA EM CODA FINAL PRODUZIDA POR FALANTES
BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2**

**GUARABIRA - PB
2018**

ANTONIO XAVIER DOS SANTOS

**A EPÊNTESE VOCÁLICA EM CODA FINAL PRODUZIDA POR FALANTES
BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Letras.
Área de concentração: Fonética e Fonologia.

Orientador: Prof. Dr. Leonidas José da Silva Jr.

**GUARABIRA - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Antonio Xavier dos.
A epêntese vocálica em coda final produzida por falantes brasileiros de inglês com L2 [manuscrito] : / Antonio Xavier dos Santos. - 2018.
28 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Epêntese vocálica. 2. Aquisição da L2. 3. Aspectos fonético-fonológicos.

21. ed. CDD 414

ANTONIO XAVIER DOS SANTOS

**A EPÊNTESE VOCÁLICA EM CODA FINAL PRODUZIDA POR FALANTES
BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras -
Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para a obtenção do título de Graduado em
Letras.

Área de concentração: Fonética e Fonologia.

Aprovado em: 13/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Leônidas J da S. Jr.
Prof. Dr. Leônidas José da Silva Jr. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Luana Anastácia Santos de Lima
Profa Dra. Luana Anastácia Santos de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Prof. Ms. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, pela dedicação, companheirismo e
amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço ao orientador, pela força e incentivo, e pelas produtivas discussões que enriqueceram este trabalho, assim como também a todo corpo docente do curso de Letras da UEPB Campus III, que muito contribuíram com o meu crescimento e desenvolvimento acadêmico, pessoal, intelectual e profissional e também a todos os funcionários do campus citado, especialmente aos do departamento de Letras, que sempre estão e estiveram à disposição para esclarecer e ajudar os discentes de Letras no que for necessário. Agradeço também aos familiares e amigos pelo apoio durante o período de escrita desta pesquisa.

Ao se buscar descrever uma língua, não bastava apenas fazer um inventário de seus fonemas, mas seria importante mostrar como esses sons se organizam para formar padrões silábicos.

Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa (2012)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
3 METODOLOGIA.....	11
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	13
4.1 ANÁLISE ACÚSTICA DOS DADOS	13
4.2 ANÁLISE ESTATÍSTICO-DESCRIPTIVA DOS DADOS	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
6 REFERÊNCIAS	21
ANEXO – OXFORD PLACEMENT TEST.....	25

A EPÊNTESE VOCÁLICA EM CODA FINAL PRODUZIDA POR FALANTES BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2

Antonio Xavier dos Santos

RESUMO

O ensino de pronúncia em língua inglesa tem sido cada vez mais negligenciado pelos professores durante suas aulas, sobretudo a pronúncia na fala encadeada (*connected speech*). Percebemos que a pronúncia dos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem do inglês sofre forte influência do português brasileiro, por não serem trabalhadas questões fonético-fonológicas em sala de aula. Dessa forma, o presente trabalho apresenta uma análise fonético-fonológica da epêntese vocálica em posição de coda final do inglês como língua estrangeira (L2). A epêntese constitui-se como a inserção de um elemento sonoro na palavra (CRYSTAL, 2008, p. 171), como em casos como estes que citamos por exemplo “*leg*” ~ “*leg[i]*”, “*fat*”~“*fat{i}*”. Como fundamentação teórica nos apoiamos em alguns estudos de Ladefoged (2011), Bisol (1999; 2010), Lucena & Alves (2009), Crystal (2008), Cagliari (2002), Brown (1994), Selkirk (1984) e Selinker (1972). Em consonância com os fundamentos teóricos, nossa metodologia foi constituída por meio da coleta de dados de informantes brasileiros de diferentes níveis de proficiência que realizaram leitura de palavras contendo ambiente fonológico propenso à epêntese. A partir dessa aproximação teórico-metodológica, buscamos observar como a pentalização da sílaba em L2 sofre influência da língua materna (L1).

Palavras-chave: Epêntese vocálica. Aquisição da L2. Aspectos fonético-fonológicos.

ABSTRACT

It is noteworthy that the teaching of English language pronunciation has been increasingly neglected by teachers during their classes, especially the Pronunciation in Connected Speech. We noticed that the pronunciation of the students during the teaching-learning process of English is strongly influenced by Brazilian Portuguese because of the fact that the phonetic-phonological issues has not been worked in the classroom. Therefore, the present work presents an analysis of the phonological phenomenon of vocalic epenthesis in the final coda position of English as a foreign language (L2). The epenthesis establishes as the insertion of a sound element in the word (CRYSTAL, 2008, p. 171), as in cases such as these that we mention for example / *leg* / ~ [legi], / *fæt* / ~ [fæti]. As a theoretical basis, we have approached some studies by Ladefoged (2011), Bisol (1999; 2010), Lucena and Alves (2009), Crystal (2008), Cagliari (2002), Brown (1994), Selkirk 1972). In accordance with the theoretical foundations, our methodology was constituted by the collection of data from Brazilian informants of different levels of proficiency who carried out reading of words containing phonological environment prone to epenthesis. From this theoretical-methodological approach, we seek to observe how the pentalization of the syllable in L2 is influenced by the mother tongue (L1).

Keywords: Phonology. Vocalic epenthesis. Acquisition of L2.

INTRODUÇÃO

O processo de aquisição de uma língua estrangeira (doravante, L2) desenvolve-se de acordo com fatores intralinguísticos, como diferenças e semelhanças entre língua materna, e fatores extralinguísticos, como personalidade e motivação. Assim também acontece no processo de consequimento da fonologia de L2, característica esta muito importante na aprendizagem. Durante esse processo de aquisição, a percepção e a produção dos sons em uma L2 requerem muitas vezes grande esforço por parte do aprendiz, já que é necessário entender e praticar os sons que são completamente diferentes do inventário de sua língua materna (L1).

Em se tratando do processo de obtenção de uma L2, percebemos que o ensino de línguas estrangeiras tem evoluído no que se refere à acessibilidade dos alunos aos eventos culturais. Entretanto, a evolução e o manuseio de novas ferramentas tecnológicas nas práticas docentes para a realização do transcurso ensino-aprendizagem parecem não ter atingido determinados aspectos da língua alvo, como a abordagem fonético-fonológica que continua sendo negligenciada nas instituições de ensino, e quando trabalhadas são tratadas de forma isolada como se outros aspectos linguísticos não estivessem ligados ao ensino da pronúncia.

A pronúncia de uma L2 também está relacionada à identidade cultural do falante, bem como depende da motivação do aluno em adquirir tal habilidade. Por exemplo, acredita-se que se o falante se identifica cultural ou socialmente com os falantes nativos da língua alvo, ele terá um melhor desempenho ao pronunciar a L2. Da mesma forma, se ele tem uma visão negativa dos falantes nativos da L2 que estuda, tenderá a produzir a língua alvo com marcas carregadas de sotaque. Essas formas de identidade estão relacionadas à motivação do aprendiz no processo de aquisição da L2.

Além das questões extralinguísticas supracitadas, existem os fatores intralinguísticos. Um processo intralinguístico muito relevante estudado na aquisição da fonologia de uma L2 é a transferência de características da L1 para a L2.

Ao se deparar com uma L2 (nesse caso, o Inglês), em seus primeiros contatos, é normal que o aprendiz não perceba que determinados sons não são os mesmos da L1. Isso faz com que o falante trate essa L2 utilizando padrões semelhantes ao da sua L1 e assim, novos padrões sonoros não são estabelecidos. A esse tratamento da língua alvo no qual se utilizam padrões da língua materna sobre a língua estrangeira (L1→L2) dá-se o nome de Transferência Fonológica (TF).

Para o presente trabalho, os conceitos de transferência e interlíngua são importantes para o entendimento das razões pelas quais os alunos fazem uso de estratégias de modificação quando produzem enunciados em L2. Dentre essas estratégias está a epêntese, objeto de estudo desta pesquisa. A epêntese é considerada uma estratégia de reparação silábica, a qual pode ser atribuída à transferência, mas também pode ser considerada uma regra criada na interlíngua.

Este artigo está dividido em 03 seções. Na seção 1, trouxemos a fundamentação teórica, na qual procuramos discutir acerca do processo epentético, o qual é objeto de estudo desse trabalho, apontando assim processos de interlíngua e/ou TF. Na seção 2, tratamos de nossa metodologia, demonstrando como foi desenvolvido cada passo do processo de construção do trabalho, desde a coleta dos dados até as considerações, apresentadas no corpo do presente estudo. Na seção 3, apresentamos os resultados, de nossa pesquisa trazendo aspectos que possam corroborar para um ensino de L2 mais significativo. E por fim, nas considerações finais sugerimos, a partir das observações de nossa pesquisa, sugestões de possibilidades didáticas para a suavização da epêntese em estudos futuros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Roach (2002, p. 25), a epêntese é caracterizada como um fenômeno redundante, ou seja, o falante tende a inserir um elemento fonológico desnecessário e que não acrescenta informação alguma aos outros sons. O autor citado admite que tal fenômeno geralmente ocorre quando há a adaptação de vocábulos de uma língua para a outra, cujas regras fonotáticas não permitem uma determinada sequência de sons, ou mesmo quando um falante está lidando com uma outra língua fonotaticamente diferente da sua língua nativa.

Crystal (2008, p.171) diz que a epêntese constitui-se como a inserção de um elemento sonoro na palavra. No processo de aquisição de inglês como L2, entendemos como uma estratégia de reparo fonológico, em que parece haver ou haverá uma transferência fonológica (TF) de padrões silábicos do português brasileiro (PB) para o inglês. Lado (1957) observou que, na aprendizagem de uma língua estrangeira, os indivíduos tendem a transferir as formas e significados de sua língua nativa para a língua estrangeira através de um processo que denominou *transferência linguística*.

Essa tentativa de reparo fonológico em que um falante tenta se aproximar foneticamente da língua alvo foi chamada por Selinker (1972) de interlíngua. Segundo o autor, interlíngua é um sistema linguístico baseado em enunciação observável que resulta na tentativa do falante em produzir uma norma da língua alvo.

De acordo com Brown (1994), a interlíngua TF não é interlíngua. A interlíngua TF consiste em um sistema baseado na melhor tentativa dos falantes/alunos em prover ordem e estrutura aos estímulos que estão a sua volta.

O português segue um padrão de estrutura silábica diferente do inglês, logo, a partir do momento no qual a sílaba foi reconhecida, é aceita como unidade fonológica. Dessa maneira, duas teorias englobaram sua estrutura interna (COLLISCHONN 2003, in BISOL 2005, p. 101): a teoria autosegmental de Kahn (1976), que entende cada componente silábico como uma camada independente, e a teoria métrica, representada por Selkirk (1982), que prevê uma organização estrutural silábica como a seguinte:

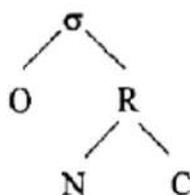


Figura 1 – Estrutura silábica (Selkirk [1982], in COLLISCHONN, 2005)

A figura 1 nos mostra a estrutura silábica, na qual encontramos o ataque (ou *onset*) e a rima, que é subdividida em núcleo e coda. O elemento que ocorre antes da vogal da sílaba é chamado de ataque ou *onset*, assim, na Fig. 1 o símbolo [O] representa a posição de ataque silábico. A rima silábica, representada pelo símbolo [R], é constituída por todos os elementos que seguem o ataque silábico [O]. Logo, na Fig. 1 a rima silábica é composta por [N] e [C], ou seja, a rima silábica é compreendida pelo núcleo [N] e a coda [C]. Todas as sílabas, ou qualquer sílaba, podem/pode apresentar essas categorias vazias, com exceção do núcleo silábico, pois o mesmo é ocupado por uma vogal que acrescenta à rima o papel de sílaba. No Português Brasileiro, temos sempre uma vogal como núcleo silábico.

Collischon (2003, p. 286) assinala que diante de tais possibilidades, com exceção de alguns casos de estrangeirismo na LM, ou pelo uso da L2 (qualquer palavra em inglês, nesse

caso, cujo segmento em posição coda seja uma consoante), há o predomínio de uma vogal epentética como forma de desfazer esses encontros consonantais.

O estudo considera, segundo Itô (1989), que a silabação em português obedece à direção direita-esquerda, o que indica que a posição da inserção da vogal está relacionada à direcionalidade da silabificação em português, embora essa possa não ser o único fator determinante da posição da epêntese em função de restrições fonotáticas da coda.

Bisol (1999, p. 729-733) trata do processo de epêntese ao examinar a silabação no português. Segundo a autora, a epêntese está presente em todos os níveis lexicais, assim como no nível pós-lexical. A epêntese é entendida, então, como parte da silabação. A autora afirma que:

Se os princípios de composição da sílaba básica deixarem dessilabado material que viole os princípios universais ou convenções de língua particular, a silabação interativa, motivada pelo Princípio do Licenciamento Prosódico, processa-se em torno dos vocálicos vazios, preenchidos, mais tarde, por “default” ou assimilação, legitimando uma configuração silábica. (BISOL, 1999, p. 729)

Com relação ao processo de inserção de elemento epentético vocálico, Bisol (1999, p. 739) afirma que a epêntese lexical tem a função de salvar consoantes flutuantes, já a epêntese pós-lexical funciona como simplificadora de sílaba composta de ataques ou codas complexos.

A proposta adotada pela autora apresenta como localização da epêntese tanto o nível do léxico quanto o do pós-léxico. A autora afirma que elementos flutuantes internos são salvos pela epêntese lexical, já os segmentos periféricos são protegidos pela propriedade da extrametricidade até o nível do pós-léxico, onde por epêntese é criada uma nova sílaba.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa (análise acústica dos dados de fala) quantitativa (análise estatístico-descritiva dos referidos dados). Nosso corpus foi composto a partir da colaboração de 12 informantes, sendo separados de acordo com o nível de língua inglesa de cada um dos informantes. O levantamento de dados ocorreu durante o período em que atuamos como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEPB) no Campus III.

O trabalho aconteceu em 03 etapas distintas. Na primeira etapa classificamos e separamos os informantes de acordo com o nível de proficiência de cada um deles através da aplicação do *Oxford Placement Test*. Na segunda fase obtivemos as gravações dos mesmos

em ambiente acusticamente propício à coleta com instrumentação adequada (*Zoom H1 PCM Recorder*). Na terceira etapa, fizemos um trabalho de análise acústica, na qual foi possível identificar a realização ou não realização da vogal epitética na coda final através do programa computacional *Praat*. (Boesma & Weenink, 2014).

Para que o evento de pentalização da vogal seja suavizado, Silva Jr (2017) apontam que uma alternativa a ser adotada é a de realização de atividades em que o uso da habilidade *listening* seja estimulada no contexto de sala de aula ao invés de priorizar leitura e escrita no primeiro contato com o inglês LE.

Como recurso, utilizamos slides divididos em três arquivos distintos contendo doze sentenças que se repetem em cada um dos arquivos. O grupo de sentenças é composto de seis sentenças distratoras que se intercalam com seis sentenças alvo e que apresentam ordem aleatória em cada um dos três arquivos. Dessa forma, cada informante realizou a leitura das frases apresentadas três vezes.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Análise acústica dos dados

A partir das imagens a seguir será possível observar o processo de realização ou não do fenômeno de pentalização. Tal fenômeno será observado através os traços formânticos de F1 e F2, como também por meio da barra de sonoridade.

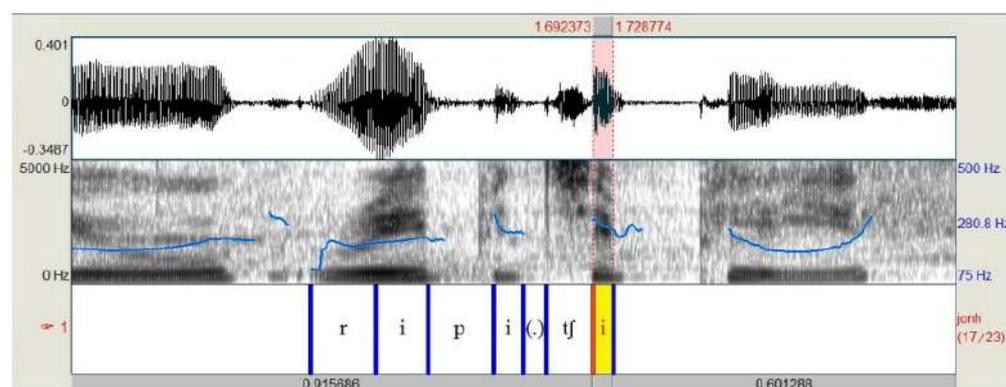


Fig.2: Produção de repeat[i]- informante 1. Monolíngue

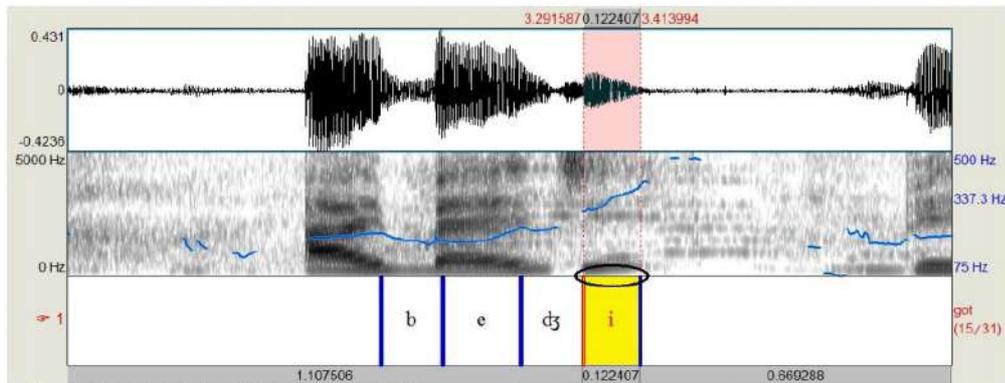


Fig. 3: Produção de bad[i]- informante 1 (Sem contato)

Nas figuras 2 e 3 - em *repeat* e *bad* respectivamente – é possível detectar a epêntese da vogal [i] pelos traços formânticos de F1 e F2. Todavia, ocorre ausência da barra de sonoridade para a vogal epentética na figura 2, como mostra a porção inferior do espectrograma. Hayes (2001) afirma que quando a consoante é [- vozeada] a epêntese tende a ser mais breve, como em [tʃ] na Fig. 2, e quando a coda é [+ vozeada] a epêntese tende a ser mais longa, como em [dʒ] na Fig. 3. Confirmamos o fato através dos valores de duração destas vogais que são 36 ms na figura 1 e 122 ms na figura 2.

Na figura 2, há uma pausa (representada por (.)). Identificamos essa pausa por ser uma causa do deslocamento da língua enquanto um articulador ativo. Ela sai da parte anterior - quando termina a vogal [i] - e desloca até o palato - este último - no centro da cavidade oral.

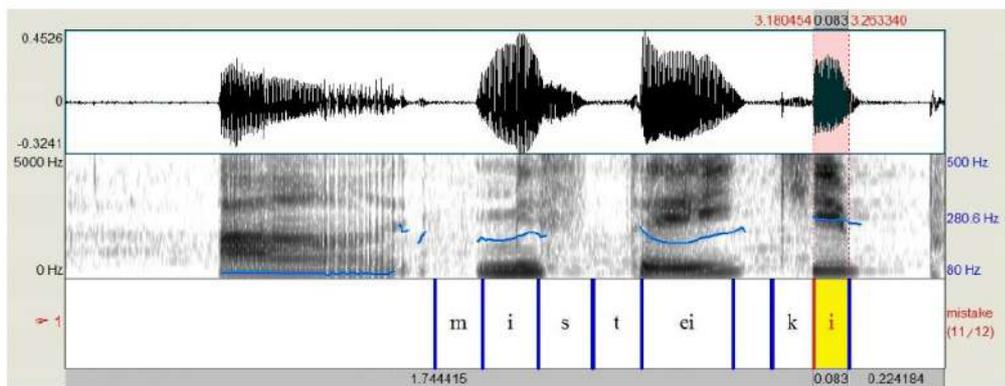


Fig. 4- produção tab[i]informante 2- Monolíngue

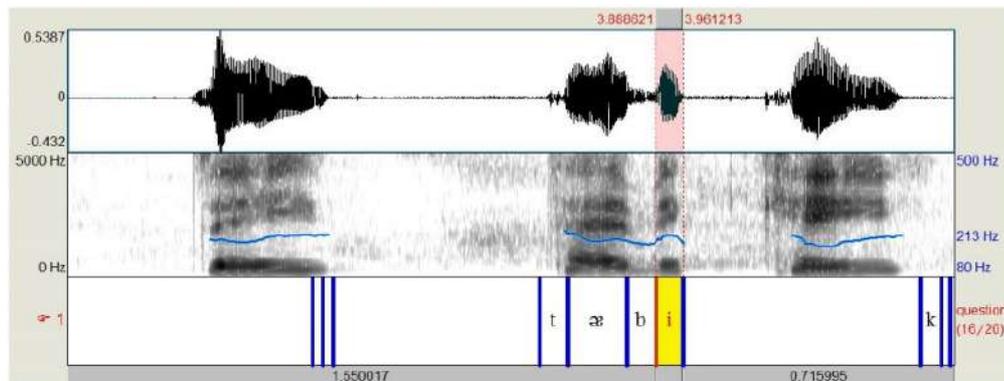
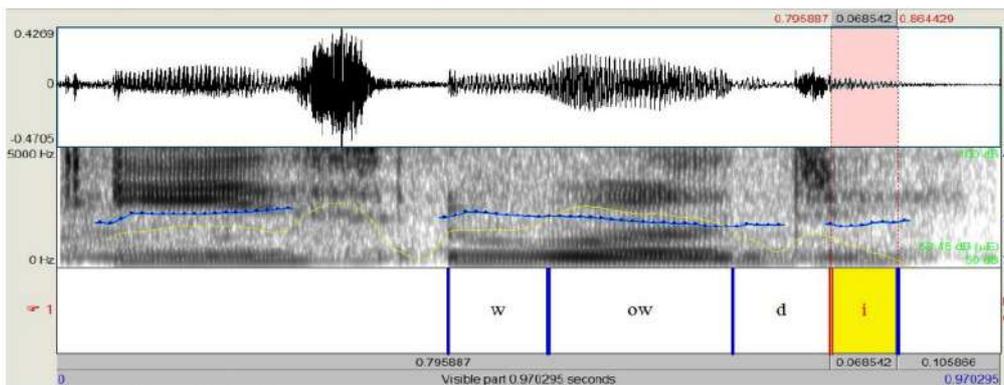


Fig. 5: Produção mistak[i]- informante 2. Monolíngue

Nas figuras 4 e 5 respectivamente temos a realização de nosso objeto de estudo, o qual podemos identificar através dos formantes de F1 e F2, além da presença da barra de sonoridade00. Cada vogal tem uma duração diferente, na figura 4 temos uma duração de 73



ms e na figura 5 de 83 ms.

Fig. 6: Produção de old[i]- informante 4 (básico)

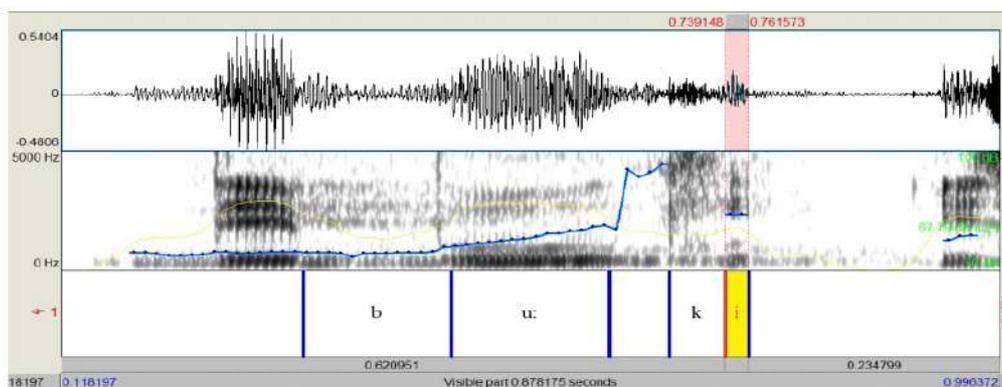


Fig. 7: Produção de book[i]- informante 4 (básico)

Na figura 6, o informante 3 realiza o léxico “old” como [wodi]. Observa-se no espectrograma que o núcleo silábico começa com um glide [w]: uma aproximante bilabial ao invés da vogal posterior arredondada [o]. Nesse caso, a vogal epentética é conferida pela produção da vibração das pregas vocais como atesta a barra de sonoridade. Entretanto, os formantes – F1 e F2 – não são claramente formados embora seja possível percebê-los. Isso acontece quando os articuladores estão preparados para produzirem a vogal. É um fenômeno chamado de “vogal ensurdecida”. De acordo com Cagliari (2002, p.100-101):

O desvozeamento antes de uma pausa é comum a qualquer estilo de fala. Para o autor, esta vogal é produzida por um estreitamento da glote causando uma fricção glotal que provoca uma ressonância supraglotal, ou seja, nos articuladores do trato vocal.

A rigor, esse é mais um indício na influência da L1 sobre o inglês como L2. Na figura 6 - em *book* - é possível detectar a epêntese da vogal [i] pelos traços formânticos de F1 e F2. Todavia, ocorre ausência da barra de sonoridade para a vogal epentética como mostra a porção inferior do espectrograma. Os valores de duração desta vogal é 28 ms na figura 7.

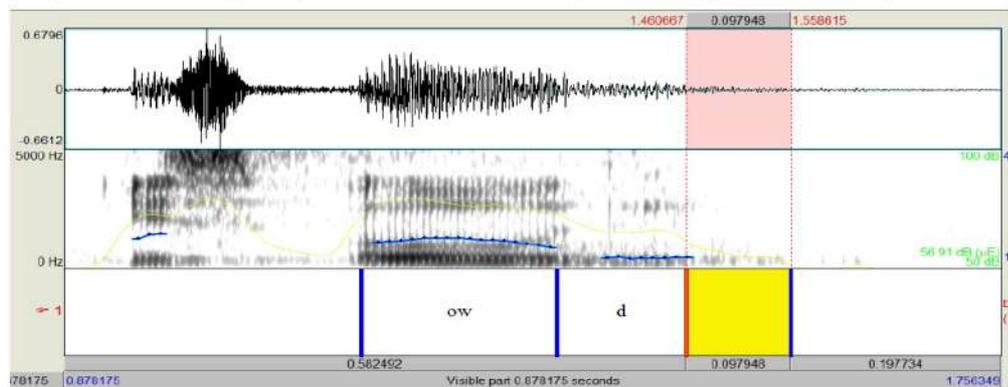


Fig. 8: Produção de old[ø]- informante 2 (intermediário)

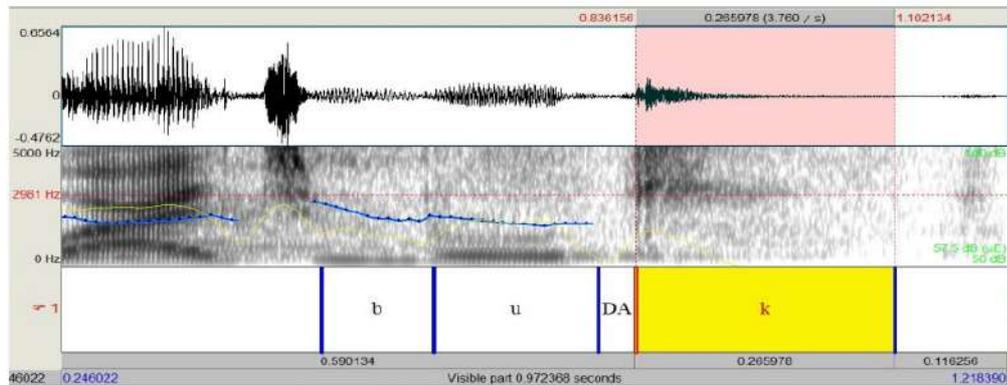


Fig. 9: Produção de book[ø]- informante 2 (intermediário)

Nas figuras 8 e 9 é possível notar que o informante 2 realiza tanto *old* quanto *book* sem epêntese. Podemos atestar suas produções pela ausência do sinal periódico (forma de onda) e da barra de sonoridade na janela do espectrograma. Na figura 8, a energia acústica mostrada no espectrograma é de aproximadamente 2900 Hz – características de oclusiva velar surda em coda de sílabas do tipo CVC segundo Ladefoged (1996).

Analisando a figura 9 – *book* - percebemos que na transição da vogal [u] para a oclusiva velar [k], ocorre uma desaceleração dos articuladores (DA) de 39 ms para que estes voltem a posição de repouso. Tal fato é apontado pela presença de F1 na janela DA e ausência da barra de sonoridade.

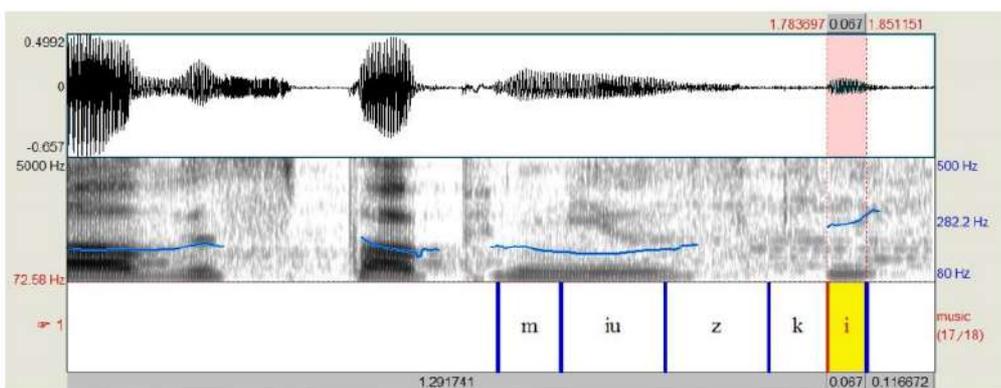


Fig.10: Produção de music[i]- informante 3 (intermediário)

Na figura 10 vemos a produção da vogal epentética, que assim como nas demais imagens, é detectada através dos formantes F1 e F2, assim como através da barra de sonoridade na parte inferior do espectro. Essa vogal epentética tem duração de 67 ms.

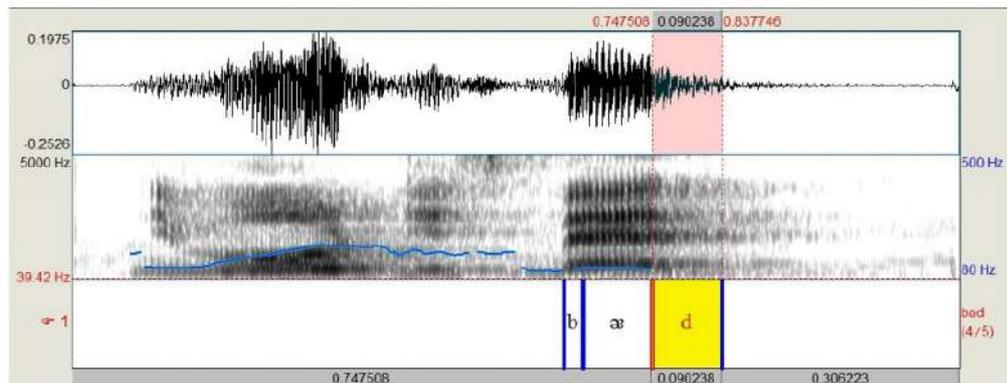


Fig. 11: produção de bad[ø]- informante 5 (avanzado)

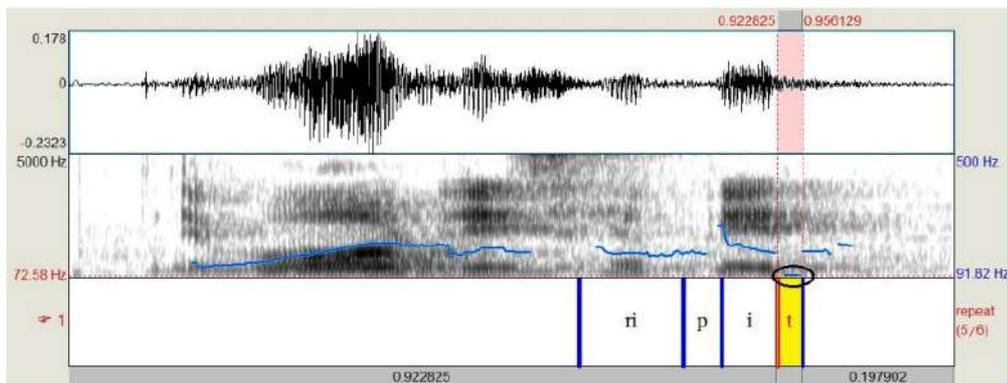


Fig. 12: produção de repeat[ø]- informante 5 (avanzado)

Nas produções dos informantes mais avançados, é notório que a ocorrência na realização da vogal epentética foi suavizada, como mostram as figuras 8 e 9.

4.2 Análise estatístico-descritiva dos dados

No gráfico a seguir é possível observar as estruturas silábicas propícias à realização do fenômeno epentético, as quais apresentam coda silábica travada. Sendo assim, encontram-se nele as palavras nas quais o índice de realização da vogal epentética se fez mais recorrente, conforme constatamos através desta pesquisa.



Ao observarmos o gráfico acima, notamos que as partes em vermelho apresentam a realização da vogal epentética (objeto de estudo deste trabalho), enquanto que as partes em azul mostram a não realização. Desta maneira foi possível observar que o maior número de realizações nos dados obtidos foram observados em palavras nas quais as codas apresentavam consoantes oclusivas vozeadas como nas palavras **bad** e **pushed**.

No que diz respeito ao nível de proficiência foi possível observar que quanto maior for a proficiência na língua alvo, menor ocorrência haverá de vogais epentéticas. Podemos observar tal fato no gráfico abaixo:



A representação gráfica para a realização e a não realização do fenômeno em discussão dá-se através das cores azul (não realização da epêntese) e por meio da cor vermelha (realização da epêntese).

Como mencionado em nossa metodologia, considerando o nível de proficiência, em se tratando dos informantes que nunca estudaram inglês em escola de línguas e que são considerados iniciantes ou sem contato (*real beginner*), 40% dos eventos foram realizados sem epêntese vocálica na coda silábica contra 60% com epêntese. Isso mostra que o desnível entre as produções não se mostra tão agudo como mostram nossos dados em sílabas CVC e VC em que a coda é oclusiva. No tocante à quantificação dos dados, trazemos padrões estatísticos semelhantes aos de Lucena (2009) nos quais o peso relativo (PR) para produção de epêntese em coda é de 0,54 contra PR = 0,46 em não-realização.

Em contrapartida, no gráfico 2 observamos os outros três níveis de proficiência: básico, em que 33,33% dos informantes realizaram epêntese (ou salvaram as consoantes flutuantes), intermediário, 17,95%, enquanto no último nível de proficiência analisado o evento foi totalmente suavizado, ou seja, sendo o nível de proficiência na língua alvo maior, a realização do fenômeno foi suavizada como detectado nos dados já apresentados.

De fato, sabemos que os aprendizes de inglês poderão vir a produzir e/ou executar esse processo interfonológico na tentativa de suprir uma deficiência, ou seja, recorrer à ressilabificação pelo fato de tal estrutura silábica não ser recorrente em L1. Para tal constatação, levamos em consideração o nível de proficiência de cada informante e provimentos no período de aquisição.

Através das análises realizadas na seção anterior, vimos que o fenômeno descrito, de acordo com Del Ré (2006), é uma situação provável, sobretudo quando se consideram os primeiros momentos de aprendizagem de uma L2, em que a língua de origem tende a aparecer de forma clara nas produções dos aprendizes, deixando vestígios de sua LM.

De acordo com Ferreira (2005), esse processo de simplificação silábica é muito comum na produção de aprendizes de uma L2, nesse caso o Inglês. O falante brasileiro de inglês poderá reproduzir formas não-alvo da L2, por causa dos padrões silábicos do PB, como ocorre em alguns empréstimos linguísticos, tais como *acne*, pronunciado [akini] ou até mesmo em *surf*, no PB [suhfi]. Nessa perspectiva, o acréscimo do fone [i] seria atribuído pelo padrão silábico da L1, influenciando assim a realização da epêntese.

Segundo Major (1987, apud Ferreira 2005, p.36), os falantes do PB como L1, enquanto aprendizes iniciantes de inglês produzem igualmente a epêntese decorrente de ambos os processos, tanto de transferência fonológica como de desenvolvimento fonológico típico, ou seja, o processo de aquisição e desenvolvimento que abrangem um procedimento gradativo, não linear e com variantes individuais, formam o sistema fonológico correspondente ao do adulto.

Segundo Paiva (2009), assim como a aquisição da língua materna, concebe a aquisição da segunda língua como formação de hábitos resultantes de estímulos e respostas na forma de uma repetição mecânica.

Diversos estudiosos, porém, afirmam que a aquisição de uma segunda língua ainda na infância é bastante similar à aquisição da primeira língua, ou seja, para que o processo de TF seja minimizado no período de aquisição do inglês como L2, é preciso seguir os mesmos processos aquisitivos da LM. Segundo (McLaughlin, 1978 apud Harding-Esch & Riley, 2003), o processo de aquisição da língua é o mesmo em suas características básicas e em sua sequência de desenvolvimento.

De acordo com Cagliari (2002), a epêntese vocálica objetiva corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que algumas consoantes que ocupavam a posição de coda, passem a ocupar a posição de ataque, agregando um núcleo vocálico a uma sílaba que não o tem ou formando ditongos.

No tocante aos PCN e levando em conta nossas análises, tanto a quantitativa como a qualitativa, justificamos de certo modo, uma dissonância ao que afirmam os parâmetros quando da importância da pronúncia no trabalho do ensino regular. Afirma Brasil (2006, p. 111): “Propomos o desenvolvimento da leitura, da comunicação oral e da escrita como práticas culturais contextualizadas”. O documento ainda afirma que a responsabilidade de ensinar as quatro habilidades da língua é dos cursos de línguas como vemos abaixo:

Ainda um aspecto bastante relevante a considerar, já esboçado anteriormente, diz respeito às competências a serem atingidas nos cursos de línguas. Atualmente, a grande maioria das escolas baseia as aulas de língua estrangeira no domínio do sistema formal da língua objeto, isto é, pretende-se levar o aluno a entender, falar, ler e escrever. (BRASIL, 2000, p. 28)

Os PCN ainda afirmam que:

[...] o trabalho com as habilidades linguísticas citadas, por diferentes razões, acaba centrando-se nos preceitos da gramática normativa, destacando-se a norma culta e a modalidade escrita da língua. São raras as oportunidades que o aluno tem para ouvir ou falar a língua estrangeira” (BRASIL, 2000, p. 28)

Tendo em vista que os Parâmetros Curriculares Nacionais mostram as orientações para as aulas de língua estrangeira em sala de aula, iremos mostrar a seguir as nossas conclusões e possíveis soluções sobre o tema aqui abordado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas pesquisas já realizadas sobre a epêntese, o julgamento fonético dos dados foi geralmente feito através de uma análise de oitiva, ou seja, perceptual. A vantagem de “enxergar” os dados através do instrumento acústico facilita a identificação de um segmento pelas possibilidades de sua medição.

Diante disso, sabendo que os aprendizes de inglês podem executar esse processo interfonológico na tentativa de suprir uma deficiência, foi possível comprovar que quanto mais proficiente na língua alvo, menor será a ocorrência da vogal epentética, ou seja, ao aumentar o nível de proficiência o fenômeno será totalmente suavizado.

Dessa forma, pode-se concluir que as categorias dialógicas propostas por Lemos (1982) para a aquisição da primeira língua também se aplicam à segunda língua. Assim, podemos apontar como possível solução que, ao invés dos professores de língua inglesa começarem suas aulas por estímulos ortográfico-lexicais, podem considerar a possibilidade do uso do “*listening*” como propõem Silva Jr & Silva (2014). Segundo os autores, a percepção auditiva deve ser abordada e, dessa forma, a influência da L1 na pronúncia da L2 é suavizada.

REFERÊNCIAS

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics**. Versão 5.4.00 (Programa computacional). Acessado em 2014. Disponível em: <http://www.praat.org/>

BISOL, Leda. **A sílaba e seus constituintes**. In: NEVES, M. H. M. (org.). Gramática do português falado – volume VII: novos estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 701-742.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais, 2006**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em 25 de Março de 2015

BRASIL, PCNs (Parâmetros curriculares nacionais). 2000. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 27 de Março de 2015.

BROWN, David. B. **Principles of Language Learning and Teaching**. Third Edition, New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. São Paulo, Mercado de Letras, 2002.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. Tese (Livre-Docência em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

COLLISCHONN, Gisela. **A epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas**. Revista Letras, Curitiba? Editora UFPR, n. 61, especial, p. 285-297, 2003.
 _____. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005

CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008

DEL RÉ, Alessandra. **Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Ana Paula P. **A epêntese na produção oral de aprendizes de línguas estrangeiras**. Curitiba 2005.

ITÔ, Junko. **A Prosodic Theory of Epenthesis**. Natural Language and Linguistics Theory 7, 1989, 217-260.

McLAUGHLIN, B. **Second Language Acquisition in Childhood**, Hillsdale, Lawrence Erlbaum, 1978. In: E. Harding-Esch and P. Riley (orgs). *The Bilingual Family: A Handbook for Parents*. 2ed Edinburgh, CUP, 2003

LADEFOGED, Peter. **Elements of Acoustic Phonetics** 2nd ed. Chicago, The University of Chicago Press, 1996.

Lado, R. (1957). **Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers**. Ann Harbor: University of Michigan Press.

LUCENA, Rubens Marques de; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda**. Letra Viva, v. 9, p. 19-33, 2009.

LEMOS, Cláudia T. G. **Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original**. 34ª reunião Anual da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência. Unicamp, 1982.

MAYJOR, Roy C. (1987) **A Model for Interlanguage phonology**. In G. Ioup & S.H. Weinberger (Eds.), *Interlanguage phonology: The Acquisition of a Second Language*
PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. **Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua**. In Cortina, A.; NASSER. S.M.G.C. **Sujeito e linguagem. e linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009 Disponível em <http://www.veramenezes.com/sujeito.pdf>. Acesso em Março de 2015.

ROACH, Peter. **Phonetics**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002

SELINKER, Larry. **Interlanguage**. In: *International review of applied linguistics*, n.10, 1972. p. 219-231

SELKIRK, Elisabeth. **The syllable**. HULST, H. V. D., SMITH. *The structure of phonological representations (part II)*. Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1972.

SILVA Jr, L.; SILVA, R. N. **O ENSINO DE PRONÚNCIA NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE LETRAS: CONTRIBUIÇÕES DA HABILIDADE “LISTENING”**. Revista Enid UEPB. V. 1 2014.

ANEXO – OXFORD PLACEMENT TEST

1	What do you think of the new teachers T-shirts ?	1	_____
2	He asked if it could be given in a bit late and I said yes, today yesterday was OK.	2	_____
3	I think Agassi's winning it to love two-love .	3	_____
4	I'd have lied liked to help him.	4	_____
5	At least last you understand what I mean.	5	_____
6	I think she lives at No. 68 60A .	6	_____
7	He was lapped rapped by his team-mates because he hadn't trained hard enough.	7	_____
8	On Saturday he could well win his third cup cap .	8	_____
9	They asked if I was sending anybody and I said Mike or myself I might go myself .	9	_____
10	I'm afraid we've only fifty fifteen left in stock.	10	_____
11	She likes lacks that little extra bit of class.	11	_____
12	He's just become a member of the Hockey Jockey club.	12	_____
13	They were going to Wrexham Wroxham for their holidays.	13	_____
14	What do you think those ships shapes on the horizon are?	14	_____
15	Did you realize he slept slipped out last night?	15	_____
16	It's an amazing amusing story, isn't it?	16	_____
17	The roads were absolutely impossible impassable last week.	17	_____
18	Sooner or later we'll have to chuck check them out.	18	_____
19	Is it ready for typing taping yet?	19	_____
20	Most of the new wavebands new-wave bands sound really good.	20	_____
21	We need a cork chalk board in our classroom.	21	_____
22	Do they have many orchids orchards in Tunisia.	22	_____
23	I see Oxford University is advertising the chair in metaphysics matter physics .	23	_____
24	Can you help Bridget Richard to get it finished?	24	_____
25	It'll be difficult to keep within these perimeters parameters , but you must try.	25	_____
26	I think they now give the weather report from the new news studio.	26	_____
27	He's working on a new model module at the moment.	27	_____
28	I must say I quite fancy fancied going to see his latest film.	28	_____
29	She's one of the most evil- even- tempered people I've ever met.	29	_____
30	His house is really tidy tiny .	30	_____
31	The bathroom's small, but it's got a flush flash loo.	31	_____
32	Iran has been particularly successful in reducing its dependence on American experts exports .	32	_____
33	Is lamb land cheaper in Australia than it is here?	33	_____
34	Do you think he feels a bit better bitter about it now?	34	_____
35	In the late 1960's neo-colonialist attitudes could have posed a real threat to the Kenyan Asian Kenyan nation .	35	_____
subtotal		/35	

© Dave Allan 2004 Photocopying is illegal

Oxford Placement Test 2

Listening Test

Name
Total Listening / 100
Total Grammar / 100
Grand total / 200

Look at the example below. Listen to the tape. You will hear the example *once* only. Decide which word you hear, 'soap', or 'soup'.

- a Will you get me some soap soup at the supermarket?

The word was 'soup', so 'soup' is ticked. Now look at these examples, and listen to the tape again. This time, you tick the words you hear. For example, if you hear 'shorts', tick 'shorts'.

- b The team need new shirts shorts.
- c They've recently developed a new kind of vine wine around here.

The words on the tape were 'shorts' and 'vine', so the correct answers look like this:

- b The team need new shirts shorts.
- c They've recently developed a new kind of vine wine around here.

Now the test will begin. Listen to the tape and tick (✓) the words you hear.

16	In 1957 he has been picked was picked was picking for the Brazilian national team.	16	_____
17	The next World Cup Finals were in 1958 and Pelé was looking forward to play playing the play .	17	_____
18	And even though even so in spite of he was injured he helped Brazil to win the final.	18	_____
19	Pelé was a such such a a so brilliant player that he helped Brazil win 3 World Cups.	19	_____
20	He didn't stop playing to play play for Santos till he was 34.	20	_____
21	After calling it a day in 1974, he came from off out of retirement and played for <i>New York Cosmos</i> .	21	_____
22	Till By In the end of his career he had scored over a thousand goals.	22	_____
23	He then settled for a role as like in a sporting ambassador for Brazil.	23	_____
24	By the end of the 20th Century he had received a great many number deal of awards.	24	_____
25	Though honoured with the title <i>Athlete of the Century</i> , he will always be remembered as footballer as a footballer as the footballer .	25	_____
	Football, or soccer as it is sometimes known, has been is being was played	26	_____
	for above over more than 150 years, but the first World Cup	27	_____
	competition has not been was not was not being held until 1930,	28	_____
	when Uruguay could win were winning won the first professional final.	29	_____
	Four teams had entered from Europe, but with a little little few success.	30	_____
	The 1934 World Cup was again won by a the their home team, Italy.	31	_____
	who which that went on to win the 1938 final as well. Winning successive	32	_____
	finals is something that is not was not has not been achieved again	33	_____
	until Brazil managed them these it in 1958 and 1962.	34	_____
	If Brazil would have won would win had won again in 1966 then the FIFA	35	_____
	authorities would have needed to have let make the original World Cup replaced.	36	_____
	However, England stopped the Brazilians to get getting get a third successive win.	37	_____
	In the 1970s the honours were shared among between inside Europe and South America.	38	_____
	Argentina succeeded to win at winning in winning in 1978, but in 1982, in Spain,	39	_____
	they had difficulty in difficulties to difficulty to getting beyond the early stages.	40	_____
	They won again in Mexico in 1986, where which while Maradona	41	_____
	managed to win much some any of the games, especially the one	42	_____
	against England, almost by his own by himself on himself . The 1990s finals were	43	_____
	dominated by European teams except apart save from Brazil's win in the USA in 1994,	44	_____
	with the 1998 finals in France again to be being having won by the hosts.	45	_____
	Throughout the 1990s police in the host countries was were have been kept busy keeping	46	_____
	rival fans apart, but there was there were it was to be no such problems when the first	47	_____
	World Cup Finals of the 21st century took part place hold in Japan and South Korea in 2002.	48	_____
	Football's third century has seen saw seeing success for a number of footballing nations in	49	_____
	Africa and Asia, who may well may as well might as well prove to be the teams of the future.	50	_____
subtotal		/35	

Oxford Placement Test 2

Grammar Test PART 1

Name
Total Listening / 100
Total Grammar / 100
Grand total / 200

Look at these examples. The correct answer is ticked.

- a In warm climates people like likes are liking sitting outside in the sun.
 b If it is very hot, they sit at under the shade.

Now the test will begin. Tick the correct answers.

- 1 Water be freezing is freezing freezes at a temperature of 0°C.
- 2 In some countries there is is it is dark all the time in winter.
- 3 In hot countries people wear light clothes for keeping to keep for to keep cool.
- 4 In Madeira they have the good good a good weather almost all year.
- 5 Most Mediterranean countries are more warm the more warm warmer in October than in April.
- 6 Parts of Australia don't have the some any rain for long periods.
- 7 In the Arctic and Antarctic it is there is it has a lot of snow.
- 8 Climate is very important in most of most the most people's lives.
- 9 Even now there is little few less we can do to control the weather.
- 10 In the future we'll need we are needing we can need to get a lot of power from the sun and the wind.
- 11 For many people the name Pelé still means the more the most most famous footballer in the world.
- 12 Pelé had been is was born in 1940.
- 13 His mother not want wasn't wanting didn't want him to become a footballer.
- 14 But his father made him to made him would make him to practise every day.
- 15 By 1956 he has joined joined had joined the Brazilian club, Santos, and had scored in his first game.

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____
- 6 _____
- 7 _____
- 8 _____
- 9 _____
- 10 _____
- 11 _____
- 12 _____
- 13 _____
- 14 _____
- 15 _____

subtotal /15